

MICROSCÓPIO

Os espanhóis também querem libertar-se. Esperam também que até a sua pátria chegue a derrocada das ditaduras. Razão sobeja têm êles. Foi a Espanha um dos primeiros países a ser imolados à política de apaziguamento, que consistia em lançar pasto às fêras, na vã tentativa de saciá-las. Acabara o governo republicano de sair vitorioso de uma eleição corretíssima, inopugnável e não impugnada, quando Franco, militarmente apoiado por Hitler e Mussolini, desfechou o seu traiçoeiro golpe. Que fizeram as potências democráticas naquela hora crepuscular? Cruzaram os braços, fecharam-se na sua criminosa política de não intervenção, que não permitia o menor auxílio ao governo legal, enquanto os revolucionários recebiam todo o apoio dos totalitários, e deixaram que, após uma luta titânica, fôsse derribada a república, apoiada certamente pela grande maioria, senão quase totalidade do povo espanhol.

A Inglaterra, a França e os Estados Unidos têm, pois, uma grande dívida para com a Espanha. Foi-lhes ela uma das vítimas propiciatórias. Sacrificaram-lhe a liberdade em benefício da sua própria tranquilidade. Não se compreenderia agora que, derribadas as bastilhas fascistas, se deixasse preso em sua masmorra o povo espanhol, que tão valentemente lutou pela liberdade.

Mas, ainda quando não tivesse direito a Espanha à reparação do criminoso abandono em que a deixaram, a sua libertação não poderia deixar de figurar no plano geral de reconstituição do mundo. Não há meio termo: se se quiser garantir realmente a paz e a liberdade, não se poderá admitir, na comunidade das nações, regimes que não sejam livres e democráticos. Esta é a amarga lição dos últimos decênios.

RAUL PILLA.